

A filosofia da miséria

Carolina Maria de Jesus, autora de *Quarto de Despejo* (1960), que há muito tempo não mora mais na favela do Canindé mas ainda se lembra bem da vida de lá. Da fome, tema constante em seu diário, e de suas angústias: "não há coisa pior na vida do que a própria vida"

Maria Rita Kehl

A casinha de Parelheiros, subúrbio de São Paulo grudado na Serra do Mar, parece representar tudo o que Carolina Maria de Jesus aspirava no seu tempo de *quarto de despejo* (apelido dado por ela a favela do Canindé, onde morou durante muito tempo): uma casa de alvenaria, num terreno verde onde só se sente o cheiro bom do mato, com uma rocinha e um terreiro no fundo. Tudo limpo, varrido e claro longe da sujeira que Carolina Maria de Jesus tanto odeia. Essa sujeira criada pela pobreza, pela aglomeração humana, pela falta de condições mínimas de sobrevivência.

Carolina, envolvida por muito tempo numa situação como esta, acabou por transferir o desprezo que sentia pelas condições de vida da favela para os próprios favelados. Falando sobre o "coz grave moço de mulher, moço de homem", ela retrata seu relacionamento com os vizinhos. Um dia faz parte de um parque de diversões lá na favela para as crianças. Mas os adultos não deixaram elas brincar, eles e que brincavam e quebravam tudo. Então eu fui falar com os repórteres da Folha de São Paulo para eles virem ver e divulgar aquela barbidade. Quando os repórteres chegaram eu chamei os favelados de vagabundos e ordinários.

Eu disse: "Tenho vontade de escrever um livro sobre vocês relatando o que vocês fazem. Mas vocês não merecem o meu livro. Vocês são baixos demais".

Esse mesmo desprezo em relação aos outros favelados aparece frequentemente em *Quarto de Despejo* (1), seu diário dos tempos de favela que fez sucesso em 1960, quando Audálio Dantas (2) (na época, um dos repórteres que foi cobrir o caso do parque de diversões) resolveu publicá-lo. "Tenho pavor dessas mulheres da favela. Tudo quer saber! A língua delas é como os pés de galinha. Tudo espalha." (p.9) "Passou um senhor e perguntou-me: O que você escreve? - Todas as lambanças que pratica os favelados, estes projeto de gente humana" (p.21)

Quarto de Despejo foi traduzido em 13 idiomas e vendido em cerca de 40 países fora do Brasil. Carolina foi capa de revista, atriz (no início do governo Médici a tevê alemã veio ao Brasil e filmou com ela *Despertar de um sonho*, em que Carolina sonhava que era rica e acordava de repente na favela. O filme nunca foi exibido no Brasil), assunto de rodinhas de intelectuais e tema da demagogia de diversos políticos da época. Mas o livro de Carolina não se presta a demagogias. Ali, no próprio texto, até mesmo as poucas tiradas demagógicas da autora são tiradas a limpo, desmascaradas na crueza da angústia, da raiva e da fome cotidiana.

"Por que eu escrevia?" Carolina pára, pensa sem pressa. "Eu não sei. Eu não gostava de ver as confusões da favela e então ia escrevendo. Sem pensar prá quê."

"Negra Pedante"

"Em Sacramento, onde eu nasci, em Minas, naquele tempo eles achavam que os negros só precisavam estudar dois anos de grupo e depois chega. Isso era 1921. Foi o Rui Barbosa que achou que tinha de dar educação a todo o

(1) *Quarto de Despejo* - reeditado em 1976 pela Edibolso, São Paulo. 184 págs. Cr\$20,00.

(2) Audálio Dantas é o atual presidente do Sindicato dos Jornalistas do Estado de São Paulo.

mundo, porque senão ficava uma classe que sabia e a outra que não, e a classe que sabia ficava difícil misturar com a gente. Se eles davam uma ordem, a gente não entendia porque não tinha leitura e não tava acostumado com o jeito deles falar. Então, precisava mesmo alfabetizar todos os brasileiros. Uma vez fui pedir uma bolsa de estudo para um governador mineiro que apareceu em Sacramento acho que era o Antônio Carlos. Disse que queria muito estudar, conhecer leis, e ele disse: "Ah, vá lavar a pipa pra dona Laila! Todo mundo me pediu ou de pedir a bolsa de estudo me chamaram de pedante".

Estante é provavelmente um nome que Carolina ia ouvir mais vezes em suas viagens diretas ou indiretas ao seu apartamento. Uma mulher da favela absolutamente não se identifica com os termos de sua condição que, entretanto, constantemente os companheiros que nela se considerada "alcagete entre favelados" porque sempre chama a atenção assim que começava uma briga, não deixava seus filhos brincar com os outros moleques, e não se misturava com as outras mulheres na fila da água.

Uma mulher negra e pobre que tal e es teve procurando as palavras difíceis que há nos livros - Carolina sempre leu muito. Nas casas onde trabalhou como doméstica, nos livros que catava no lixo, seu único prazer na vida era ler - tentando se aproximar ao máximo de uma outra cultura. Da linguagem de gente fina e distinta que não passa fome, não cata lixo, não briga de navalha (não?) nem chega bêbada em casa. Tentando se aproximar da maneira de ser e de falar daquele mundo ao qual Carolina, de sua posição marginal, sonhava pertencer. "Ablui as crianças, aleitei-as, abluime e aleitei-me(...) quando despertei, o astro-rei deslizava no espaço". (p.9) "Contemplava extasiada o céu cor de anil. E fiquei de repente compreendendo que eu adoro o meu Brasil. O meu olhar posou nos arvoredos que existe no início da Rua Pedro Vicente. As folhas movia-se. Pensei: elas estão aplaudindo meu gesto de amor pela pátria". (p.33)

A fome e a raiva

Pedante porque Carolina é uma pessoa cheia de contradições psicológicas e (sobretudo) sociais. Uma pessoa que se destacou culturalmente da classe social a que pertencia, sem ter no entanto condições que lhe permitissem ultrapassar sua própria visão de classe: A cultura burguesa que Carolina "adotou" não lhe forneceu nenhum elemento que lhe permitisse maior consciência em relação à "ideologia" se é que se pode falar nesses termos - de uma camada social à margem da produção capitalista.

Tendo descoberto o prazer do "cultivo do espírito", "as delícias da leitura", Carolina não conseguia mais se identificar com o que ela mesma chama da "baixeza" das diversões dos favelados. Não gosta dos bailes, das batucadas, não bebe nem dança. Coloca-se acima dos outros demonstrando, quando muito, pena deles, sentindo-se como alguém que pode ajudá-los:

"Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los (...) À noite, enquanto elas (as outras mulheres) pede socorro, eu tranquilamente no meu barracão ouço valses vienenses. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (...) Os que preferiu, e eram soezes e as condições que me impuseram eram horríveis". (p.14)

"Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela". (p. 13)

"Aqui na favela quase todos lutam com dificuldades para viver. Mas quem manifesta o que sofre é só eu. E faço isso em prol dos outros" moço de ano, de Movimento de presente. Leia, escane e divulgue Movimento um jornal Democ... A ambiguidade social de Carolina se reflete, frequentemente, na maneira como ela encara os mais ricos e as autoridades. Ela nos fala de suas antigas patroas, do tempo em que trabalhava como doméstica: "A primeira pessoa que conheci foi dona Julita. Como era boa! Eu gostava muito dela porque mesmo os meus meninos sendo de favela quando eu ia lá ela dizia prá eles: 'Vá lá em cima no meu quarto e pega a minha carteira de dinheiro no criado mudo. E eu pensava, meu Deus, nos somos da favela e ela não tem orgulho, confia no meu menino ir lá pegar as coisas delas. A gente da favela é tão humilhada, tão judiada... aquilo, eu adorava a dona Julita. Que beleza o que ela fazia".

De outra patroa, D. Maria Amélia, de Ribeirão Preto, ela conta que "eu ganhava 40 cruzeiros por mês mas era como se ganhasse 40 milhões. Ela devia ser canonizada de tão boa, tão fina e distinta que era."

Do ambiente agressivo da favela, a cortezia e a amabilidade apareciam a Carolina como qualidades máximas, acima de todas as relações sociais. Em *Quarto de Despejo*: "Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amável. Se eu soubesse que ele era tão amável, teria ido na delegacia na primeira intimação". (p. 28).

Mas se é a extrema miséria que colabora para que uma pessoa como Carolina de Jesus acredite demais na bondade dos ricos da qual, afinal de contas, sua sobrevivência constantemente depende ("Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. (...) Fui na Dona Guilhermina na Rua Carlos de Campos e pedi para ela um pouco de arroz". (p. 97), por outro lado a mesma pobreza que provoca nela momentos de raiva e cinismo em relação aos que detêm o poder, que prometem e não cumprem, que usam o povo apenas enquanto querem subir: "Quem nos protege é o povo e os videntes. Os políticos aparecem aqui só nas épocas eleitorais". (p.30) "Quando eu estou com fome quero matar o Jânio, enforcar o Ademar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos". (p.31) "O povo não sabe revoltar-se. Deviam ir ao Palácio Ibirapuera e na Assembléia dar uma surra nesses políticos alinhavados que não sabem administrar o país". (p.125)

"Onde estás, felicidade?"

Hoje, vendo a favela de fora, ela inventa planos para o governo salvar os favelados: "Outro dia fui lá na favela Ordem e Progresso. Como cresceu! Aquilo parece uma cidade. Mas o povo da favela antiga tava melhor que o de agora, se alimentava. Naquele tempo eles ainda comiam mais. Hoje o povo passa tanta fome, coitado! que eles não tem força nem prá brigar. O custo de vida tá muito caro. Antigamente os nos-



Carolina Maria de Jesus

so favelado brincava, dava tiro, murro. Os de agora estão morrendo de inanição. Como é que pode o Brasil, com tanta terra, tão desorganizado! Era o caso de organizar o país. O governo devia ter medidas para manter o homem do mato, no mato. Criar fazendas enormes, com trabalho e sustento prá todo o mundo"...

De sua parte, os favelados do Canindé não viam Carolina Maria de Jesus, seu diário, suas intenções redentoras, com muito bons olhos. Eles encaravam o diário como um rol de denúncias - não de denúncias sociais, da miséria e da injustiça, mas a denúncia pessoal, de fatos dos quais os vizinhos de Carolina pareciam se envergonhar. "O Audálio achava que eu devia continuar na favela pra escrever mais", "conta ela," mas queria ficar, Deus me livre! Depois não podia continuar porque quando saiu meu livro o pessoal ficou com raiva de mim: "miserável! você contou nossa vida no livro!" - e jogavam pedra em mim. O povo ficou todo contra mim, eles diziam: "você não tinha direito de escrever sobre nós!" Carolina saiu da favela e foi morar em Osasco, com ajuda de um "millionário de lá", depois viveu em Guarulhos e finalmente em Parelheiros, numa casinha construída, seguindo ela, com o dinheiro da venda dos livros. Dinheiro que "pinga" até hoje sem muito critério, sendo que o que vem do exterior parece vir com mais frequência do que o das vendas no Brasil.

Depois de *Quarto de Despejo* Carolina de Jesus escreveu outros livros de pouca repercussão, *Casa de Alvenaria* (contando de sua vida depois da favela) e um de *Provérbios inventados* por ela mesma. E faz questão de nos contar, antes de sairmos de sua casa, a estória que não foi publicada porque alguém levou os originais e não apareceu mais, mas que ela considera a mais linda de todas as que escreveu: *Onde estás, felicidade?*, "uma beleza, uma história linda". E Carolina conta entusiasmada o romance de uma moça rica que fugiu do pai para se casar com um moço pobre, só descobrindo a pobreza dele depois do casamento.

Só que na estória de Carolina, ao contrário das novelas de tevê, o romântico casamento dá completamente errado. O marido abandona a moça que vive na favela, cheia de filhos e nêrria, e é o pai rico que encontra, um dia, levando-a com os netos para seu palacete.

O marido "trapaceiro" morre na miséria e a mocinha vive feliz para sempre na casa do pai. Se não é romântico, pelo menos é bem mais verossímil.